

Filho de peixe, peixinho é? A transmissão intergeracional de escolha de ocupações

Guilherme Araújo (EMAp-FGV)

Thaís Barcellos (IDados)

Guilherme Hirata (IDados)

Resumo

Utilizando um modelo de escolha discreta que incorpora características dos indivíduos e das alternativas do conjunto escolha foi estimado o efeito da ocupação dos pais quando o indivíduo tinha 15 anos de idade sobre a escolha ocupacional dos filhos. Duas classificações de ocupações foram adotadas, uma com foco na atividade exercida (habilidades específicas) e outra com foco nas habilidades utilizadas para execução do trabalho. Os resultados mostram que há diferenças consideráveis entre os efeitos da mãe e do pai: em diversos casos, filhas têm relativamente alta probabilidade de escolher a mesma ocupação mãe, e os filhos, a dos pais. Ademais, a mãe dirigente afeta a probabilidade da filha e do filho em estarem não empregados, o mesmo não é observado com o pai dirigente.

Palavras-chave: escolha ocupacional; mobilidade intergeracional; multinomial logit; escolha discreta

Abstract

A discrete choice model which allows alternative-specific variables and case-specific variables (McFadden's choice model) was adopted to estimate the intergeneration transmission of occupation choice. Two kinds of occupational groups were considered: the specific-skill group related to activity performed, and the generic-skill group related to White-Blue Collar. Results show a substantial difference between mother and father effects: daughters bear intergeneration transmission effect from mothers whereas sons are more impacted by fathers. Furthermore, mother who are managers changes the children's probability of being not employed, which is not observed to fathers.

Key-words: occupational choice; intergenerational transmission; multinomial logit; discrete choice

JEL: J24, J62, C25

Área: ECONOMIA SOCIAL E DEMOGRAFIA ECONÔMICA

1. Introdução

As possíveis causas da desigualdade social e como elas se perpetuam ao longo do tempo são um dos objetos de estudo mais investigados no mundo. Uma das agendas de estudo é a mobilidade social intergeracional, que está intimamente relacionada com o grau de igualdade de oportunidade de um país. Para entender como desigualdades são transmitidas através das gerações, dois fatores são cruciais para entender os mecanismos: educação e ocupação. Quando os menos abastados não têm oportunidade de desenvolver suas habilidades, não conseguem uma boa colocação no mercado de trabalho e isso se reflete na sua remuneração, reproduzindo os mecanismos de desigualdade.

Este artigo analisa o mecanismo intergeracional de escolha de ocupações, ou seja, como a ocupação dos pais influencia as preferências dos filhos no mercado de trabalho brasileiro, refletidas na escolha da ocupação. Segundo Doepke e Zilibotti (2014), os pais podem afetar a escolha dos filhos de duas maneiras: influenciando suas preferências ou impondo restrições diretas sobre seu conjunto de escolha. Aqui, vamos considerar apenas a influência dos pais sobre as preferências e considerar que todos os indivíduos enfrentam o mesmo conjunto de escolha. Para isso, vamos avaliar o mecanismo sob duas óticas de grupos ocupacionais: o primeiro tratará da transmissão de habilidades específicas que faz com que filhos e pais atuem no mesmo setor de atividade. O segundo analisará a transmissão de habilidades menos específicas com ocupações típicas de escritório ou de trabalhos manuais.

Os resultados mostram que o pai tem mais influência sobre a escolha ocupacional do filho que a filha quando analisamos grupos ocupacionais de habilidades específicas e genéricas, enquanto a mãe tem mais influência sobre as filhas do que os filhos, especialmente quando ela é dirigente. Contraintuitivamente, o mesmo não é observado quando a mãe é profissional. Mães trabalhadoras manuais qualificadas têm mais efeito sobre a escolha de ocupação tanto do filho como da filha.

Na literatura, há poucos estudos investigando a ocupação como mecanismo de mobilidade social, provavelmente por conta da falta de dados, pois é necessário o cruzamento intergeracional das informações. O estudo que mais se aproxima deste artigo é Constant e Zimmermann (2003), que fazem uma análise da escolha ocupacional entre gerações na Alemanha para nativos e imigrantes. Os autores encontram resultados semelhantes para os dois grupos, de forma que o gênero afeta de maneira significativa e diferenciada a escolha ocupacional. Além disso, alemães são mais propensos a escolher a ocupação do pai quando este é um profissional ou trabalhador de escritório¹, enquanto que a escolha dos imigrantes é mais influenciada pelo nível educacional da mãe ao invés da ocupação do pai. Já Emran e Shilpi (2015), analisando a mobilidade ocupacional entre os setores agrícola e

¹ *White collar*.

não-agrícola do Nepal e Vietnã, mostram que há uma forte correlação entre ocupações de pais e filhos e mães e filhas em ambos os países.

No Brasil existem apenas dois Suplementos da PNAD que tratam desse assunto: o primeiro foi coletado em 1996 e o segundo em 2014. Este último é a fonte de dados utilizada neste estudo. Utilizando dados de 1996, Ferreira e Veloso (2006), por meio de variáveis instrumentais, encontram um baixo grau de mobilidade intergeracional e uma heterogeneidade regional e racial. A atualização do artigo feita por Mahlmeister *et al* (2017) com dados do suplemento de 2014 confirma que a heterogeneidade regional e racial ainda permanece, mas que a persistência vem caindo ao longo do tempo. Além disso, os autores também reafirmam o padrão anterior de que a mobilidade é menor para filhos de pais com baixa escolaridade.

Ainda que existam bases de dados no Brasil (microdados da Prova Brasil e do ENEM, por exemplo) contendo informações sobre a escolaridade dos pais, usualmente esses dados são para indivíduos que ainda estão se escolarizando e, portanto, não trazem informações de mercado de trabalho. Contudo, alguns estudos buscam relacionar a educação dos pais com a dos filhos (A. HÉCTOR MORENO M, 2017; LAM; SCHOENI, 1993) e como isso poderia ajudá-los a ascender socialmente através da influência indireta sobre os rendimentos (COUCH; DUNN, 2006; CORAK *et al.*, 1998; BJÖRKLUND; JÄNTTI, 1997; DEARDEN; MACHIN; REED, 1997). De uma forma geral, evidências apontam para uma maior mobilidade social em países desenvolvidos, sendo o Brasil o país com uma das mais altas persistências intergeracional educacional. Azevedo e Bouillon (2011) e Behrman *et al.* (2011) investigam a mobilidade social em países da América Latina (incluindo Brasil) e encontram uma mobilidade social mais baixa até mesmo que a de países como Estados Unidos e Inglaterra, onde as taxas de mobilidade social são das mais baixas entre os países desenvolvidos (CHETTY *et al.*, 2018; CLARK; CUMMINS, 2014; CORAK, 2004; SOLON, 1992).

A mobilidade educacional limitada também foi encontrada por Ramos e Reis (2009). Os autores, usando dados do Suplemento da PNAD 1996, investigam o impacto da educação dos pais sobre as taxas de retorno educacional dos filhos, bem como seu impacto na desigualdade de rendimentos, e encontram que as diferenças educacionais tendem a ser transmitidas entre gerações, contribuindo para perpetuar a desigualdade de rendimentos. Trabalhadores com pais mais educados tendem a ter maiores retornos de escolaridade, de forma que, a cada ano adicional de estudo do trabalhador, aumenta o diferencial de rendimentos em função da educação dos pais.

Uma questão importante a ser levantada é que, para captar desigualdades de rendimentos do trabalho, estudos de mobilidade intergeracional envolvendo escolaridade geralmente abordam somente a relação entre pais e filhos; mães e filhas são excluídas da análise por conta de problemas de seleção associados à participação feminina no mercado de trabalho. Portanto, estudos que avaliam

a mobilidade intergeracional para mulheres e a influência da mãe na escolha ocupacional dos filhos podem contribuir de maneira significativa para literatura. Rosenfeld (2006), analisando dados dos EUA, compara a contribuição da ocupação da mãe com a do pai para a escolha ocupacional da filha e encontra que tanto estar empregada quanto o tipo de ocupação exercido pela mãe afetam a ocupação da filha. Ademais, Beller (2009) argumenta que estimativas que consideram características do pai e da mãe explicam melhor os padrões de mobilidade do que os modelos tradicionais que só se baseiam no pai, tanto para homens como para mulheres.

Além desta introdução e das considerações finais, este artigo está dividido em outras três seções. A próxima seção descreve os dados e as classificações de ocupações usadas nas estimativas. Em seguida, a seção 3 apresenta a metodologia utilizada, enquanto a seção 4 apresenta e discute os resultados, separadamente por tipo de classificação de grupos de ocupação: habilidades específicas ou genéricas.

2. Base de dados

Para o Brasil, não existem muitas bases de dados com informações intergeracionais e, portanto, pesquisas para investigar transmissões intergeracionais em geral usam o Suplemento de Mobilidade Socio-ocupacional coletado pela PNAD (IBGE) em 2014². Nesse suplemento, um morador com 16 anos ou mais é selecionado aleatoriamente em uma sub-amostra de domicílios para dar informações sobre a escolaridade e ocupação dos pais, ou dos responsáveis por sua criação, com quem morava aos 15 anos de idade. A partir desses dados, foi possível construir categorias de ocupações compatíveis entre pais e filhos respondentes dessa sub-amostra.

A PNAD traz informação sobre 276.227 indivíduos com mais de 15 anos, dos quais 60.629 foram selecionados para responder ao suplemento³ e 57.896 tiveram a entrevista realizada. Destes, 50.516 declararam que moravam com a mãe aos 15 anos e 42.518 com o pai. Foram excluídos da análise indivíduos cuja ocupação foi classificada como “mal definida” (tanto dos pais quanto dos filhos) e para os quais havia ausência de declaração da escolaridade ou cor do filho. Esses filtros levaram a uma perda de 0,4% de entrevistas realizadas no suplemento.

A análise é realizada para dois tipos de agrupamentos de trabalhadores. O primeiro foi construído de forma a refletir o setor de atividade específico em que a pessoa trabalha (pais e filhos), totalizando dez grupos de ocupação, além de um grupo residual daqueles que não estavam

² Uma outra versão deste suplemento foi realizada em 1996.

³ Para fins de consistência da análise, foi feita uma comparação entre o perfil dos respondentes do suplemento e dos respondentes do questionário básico da pesquisa e não foi encontrada diferenças significativas entre os respondentes.

empregados. Os não empregados são todos os indivíduos com 16 anos ou mais que não estão ocupados e, portanto, inclui os desocupados e aqueles fora da força de trabalho. Dois dos dez grupos são ocupações específicas caracterizadas pela segmentação: trabalhadores domésticos e militares, o primeiro majoritariamente feminino e o segundo, masculino.

Para a construção do segundo tipo de agrupamento foi usado uma classificação⁴ inspirada em Abowd *et al* (2001), tal que a classificação das ocupações refletisse setores de atividade mais genéricos, em que as habilidades dos trabalhadores determinam se a ocupação requer ou não esforço braçal para executá-la⁵. Essa classificação desconsidera militares e, portanto, o tamanho da amostra é um pouco menor que a do grupo anterior. O grupo de não empregados é o mesmo da classificação anterior e será usado em ambas as estimações como o grupo de referência.

A Tabela 1 mostra as estatísticas descritivas dos respondentes do suplemento que declaram morar com ao menos um dos pais ou responsáveis quando tinha 15 anos de idade.⁶ Como pode ser observado, a maior parte é composta por mulheres, não brancas, residentes de áreas urbanas. A média de idade é de 43 anos e a escolaridade de 8 anos de estudos completos.

A tabela mostra também a distribuição dos dois tipos de agrupamentos utilizados no artigo: por grupos ocupacionais e por tipo de trabalho (braçal ou não). Observa-se que, em termos de grupos ocupacionais de habilidade específicas, os militares são apenas 1% da população e os trabalhadores da indústria representam 15%. Trabalhadores agrícolas e dos serviços representam a mesma proporção de trabalhadores, cerca de 9%. Em termos de ocupações por habilidades genéricas, mais de um terço são trabalhadores braçais, qualificados ou não. Os não empregados representam 36% da população, sendo o grupo de maior percentual em ambas as classificações.

Tabela 1 – Estatísticas descritivas

Variáveis	nº obs.	Média	DP
Homem	52,684	0.47	0.50
Urbano	52,684	0.86	0.35
Idade	52,684	43.2	17.6
Branco	52,684	0.48	0.50
Anos de escolaridade	52,684	8.14	4.59
Grupos ocupacionais	52,684		
militares	319	0.01	0.07
dirigentes	1,824	0.04	0.19
profissionais das ciências e das artes	3,464	0.06	0.25
técnicos de nível médio	2,488	0.05	0.21

⁴ A lista com a separação das ocupações por categoria pode ser obtida com os autores.

⁵ Usualmente a classificação é encontrada na literatura pela denominação de “*White Collar*” e “*Blue Collar*”.

⁶ As porcentagens consideram o peso amostral.

trabalhadores de serviços administrativos	3,308	0.06	0.24
trabalhadores dos serviços	4,952	0.09	0.29
vendedores e trabalhadores do comércio	3,195	0.06	0.23
trabalhadores agrícolas	4,520	0.09	0.29
trabalhadores da indústria	7,842	0.15	0.36
trabalhadores domésticos	1,809	0.03	0.18
<hr/>			
Trabalhadores braçais e não braçais	52,365		
dirigentes e profissionais	5,392	0.10	0.30
técnicos e supervisores	2,888	0.05	0.23
outros trabalhadores não braçais	7,199	0.13	0.34
trabalhadores braçais qualificados	11,830	0.23	0.42
trabalhadores braçais não qualificados	6,093	0.11	0.32
<hr/>			
Não empregados	18,963	0.36	0.48

Fonte: PNAD 2014, IBGE. Elaboração dos autores.

Conforme mencionado anteriormente, duas especificações serão estimadas, uma para cada tipo de agrupamento. Mais adiante, para que os resultados possam ser interpretados, uma análise descritiva mais detalhada para cada conjunto será realizada. Antes disso, segue a metodologia.

3. Metodologia

Para estimar as probabilidades individuais de escolha ocupacional no mercado de trabalho brasileiro em 2014, utilizou-se o modelo de escolha discreta proposto por McFadden (1974) em que a probabilidade do indivíduo n escolher a alternativa i é definida como:

$$P_{ni} = \frac{\exp(\beta x_{ni} + \gamma_i s_n)}{\sum_{j=1}^J \exp(\beta x_{nj} + \gamma_j s_n)}$$

Nos modelos de utilidade aleatória supõe-se que o tomador de decisão n escolha a alternativa j frente ao seu conjunto escolha de J alternativas, tal que $U_{ni} > U_{nj}, \forall i \neq j \text{ e } j = 1, 2, \dots, J$, e U_n é a utilidade do indivíduo. Assim, a preferência revelada do indivíduo é traduzida em uma função de utilidade composta por uma parcela estocástica e outra não estocástica. Esta última pode ser composta tanto de características observadas do próprio indivíduo (s_n) como de características específicas das alternativas do conjunto escolha individual (x_{nj}). O componente estocástico ε_{nj} é não observável, podendo ser idiossincrático ao indivíduo e/ou à alternativa, tal que $U_{nj} = V_{nj}(x_{nj}, s_n) + \varepsilon_{nj}$.

O modelo, apesar de ser amplamente utilizado na literatura de escolha discreta, pressupõe que não haja correlação dos componentes estocásticos entre as alternativas, e exige a observação de *outcomes* das alternativas que fazem parte do conjunto escolha, mas que não foram escolhidas pelo indivíduo. Como no mercado de trabalho só observamos as características das escolhas feitas pelos indivíduos, foi necessário estimar esses *outcomes*. Assim, para calcular as probabilidades de escolha

ocupacionais foi considerado o salário-hora e as horas trabalhadas como características fundamentais das alternativas no processo de escolha individual.

O salário-hora estima a remuneração potencial de cada ocupação de forma comparável, ou seja, independentemente da quantidade de horas que o indivíduo trabalha, enquanto que as horas trabalhadas reflete a disposição a trabalhar do indivíduo em cada ocupação. Essa estratégia foi utilizada porque há uma heterogeneidade nas horas trabalhadas de acordo com as ocupações, por exemplo, dirigentes trabalharam em média 44,8 horas semanais em 2014, enquanto trabalhadores agrícolas trabalharam 32,7 horas.

A estimação e imputação do salário e das horas trabalhadas para as alternativas não escolhidas levou em consideração características individuais (sexo, escolaridade e idade), regionais (UF e urbano-rural) e a ocupação (grupos ocupacionais das duas classificações descritas). A estimação foi realizada utilizando três ondas da PNAD (2013, 2014 e 2015)⁷ para aumentar a representatividade das ocupações. Ainda assim, em alguns casos, não houve amostra suficiente para estimar o salário e as horas trabalhadas para a célula regional específica. Nesses casos, optou-se por calcular a média da grande região e imputar na UF usando somente a variabilidade das características individuais.

Além disso, foi necessário calcular o salário de reserva e as horas trabalhadas potenciais dos indivíduos que não estavam empregados em 2014. De acordo com o modelo clássico de oferta de trabalho⁸, esses indivíduos não estariam dispostos a ofertar sua mão-de-obra ao salário e às horas contratadas de equilíbrio no mercado de trabalho. Dessa forma, foi estimado o salário e as horas trabalhadas usando apenas as características individuais e regionais como variáveis explicativas. Todas as estimações foram realizadas por MQO.

Em suma, o processo de imputação de salários e horas trabalhadas ocorreu em duas etapas. Na primeira, imputou-se valores para os não empregados da amostra considerando somente as características individuais e regionais, tal que todos os respondentes da PNAD com pelo menos 16 anos tivessem informação para salário e horas de trabalho. Na segunda etapa, foi preciso expandir a amostra pelo número de alternativas do conjunto escolha e imputar o salário e as horas trabalhadas somente nas alternativas não escolhidas pelo indivíduo, uma vez que os valores da alternativa escolhida são os coletados pela pesquisa.

⁷ Foram usados rendimentos do trabalho principal a preços de 2014.

⁸ Ver, por exemplo, Cahuc e Zylberberg (2014).

4. Escolha intergeracional ocupacional

Conforme mencionado anteriormente, uma questão importante na análise intergeracional é o gênero. Assim, todas as estimações são realizadas separadamente para homens e mulheres. Para cada gênero, estima-se a influência do pai e da mãe sobre a escolha dos filhos.

A Tabela 2 apresenta a distribuição dos grupos ocupacionais em setores de atividade com habilidades específicas para homens e mulheres (coluna “Indivíduo”) e seus respectivos pais. Nota-se que o número total de observações varia entre as colunas, pois nem todos os indivíduos conviviam com ambos os pais aos 15 anos de idade. Como pode ser observado, a amostra de mulheres militares e de homens trabalhadores domésticos é bem reduzida. Por conta disso, optou-se por desconsiderá-los da análise. Para mulheres, excluímos a categoria de militares e, para os homens, a categoria de trabalhadores domésticos. O mesmo vale para pais e mães. Portanto, o conjunto de escolha será diferente para homens e mulheres.

Tabela 2 – Distribuição dos grupos de ocupacionais da pessoa e dos pais por sexo

	Mulher			Homem		
	Indivíduo	Pai	Mãe	Indivíduo	Pai	Mãe
Não empregados	13.181	833	10.854	5.782	693	10.128
Militares	25	328	4	294	309	6
Dirigentes	732	1.040	317	1.092	869	284
Profissionais das ciências e das artes	2.121	632	714	1.343	549	672
Técnicos de nível médio	1.133	774	808	1.355	712	707
Trabalhadores de serviços administrativos	2.141	576	606	1.167	552	490
Trabalhadores dos serviços	2.804	1.514	2.308	2.148	1.202	1.813
Vendedores e trabalhadores do comércio	1.697	1.148	835	1.498	1.000	685
Trabalhadores agrícolas	1.434	8.961	6.168	3.086	8.315	5.409
Trabalhadores da indústria	1.075	6.412	1.532	6.767	5.729	1.122
Trabalhadores domésticos	1.650	115	2.721	159	95	2.141
<i>Total de observações</i>	27.993	22.333	26.867	24.691	20.025	23.457

Fonte: PNAD 2014, IBGE. Elaboração dos autores.

A Tabela 3 apresenta a distribuição para as ocupações categorizadas por setores de atividades de habilidades mais genéricas. Observa-se que não há nenhuma categoria com poucas observações em um gênero específico. Nesse caso, ambos compartilham o mesmo conjunto escolha; o mesmo vale para os pais.

Tabela 3 – Distribuição das ocupações por habilidade da pessoa e dos pais por sexo

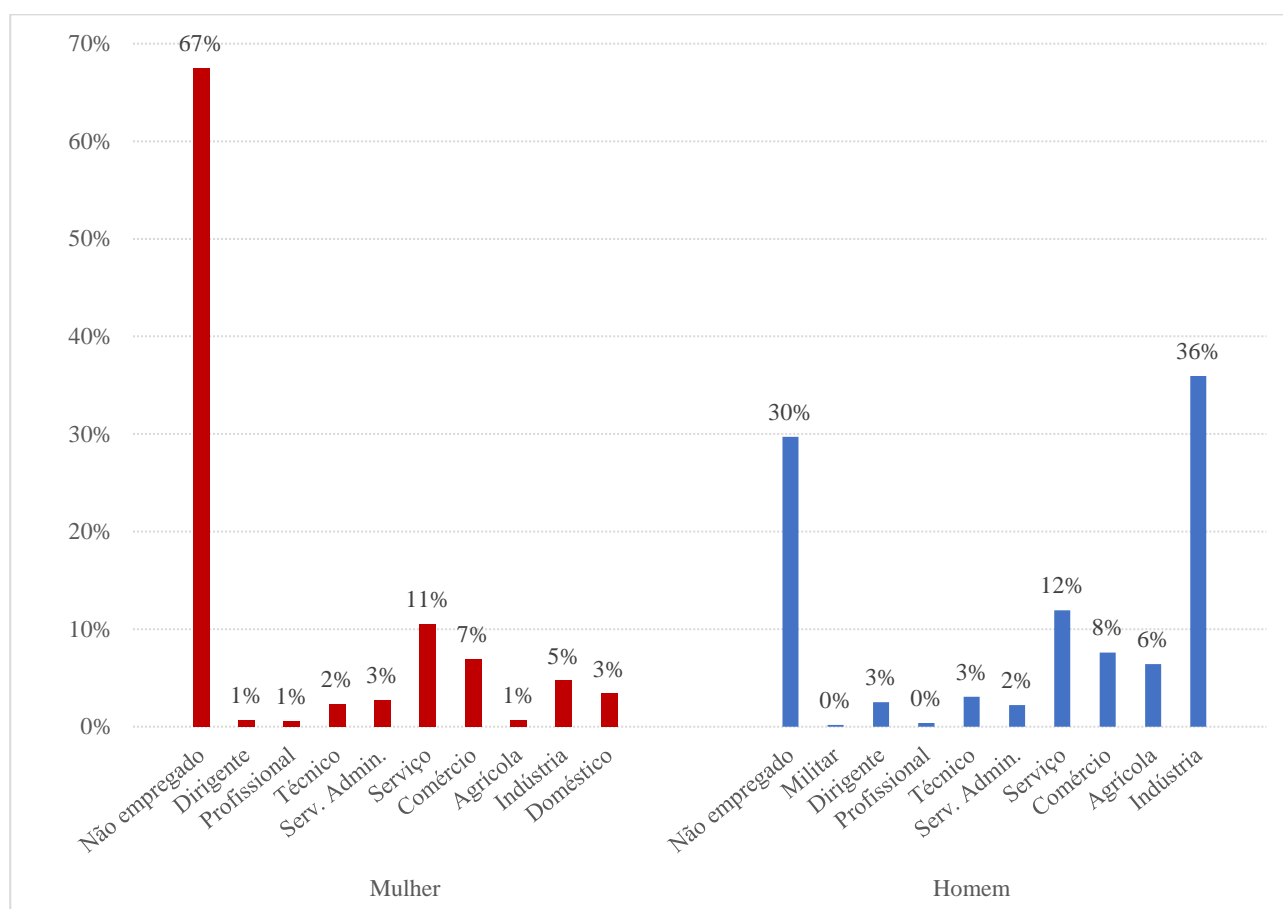
	Mulher			Homem		
	Pessoa	Pai	Mãe	Pessoa	Pai	Mãe
Não empregados	13.181	6.493	11.980	5.782	5.359	11.362
Dirigentes e profissionais	2.910	1.679	1.060	2.482	1.429	984
Técnicos e supervisores	1.232	1.268	845	1.656	1.115	728
Outros empregados de escritório	4.510	1.674	1.629	2.689	1.457	1.326
Trabalhadores manuais qualificados	2.977	14.705	8.336	8.853	13.521	7.055
Trabalhadores manuais não qualificados	3.158	1.846	4.139	2.935	1.501	3.230
<i>Total de observações</i>	27.968	27.665	27.989	24.397	24.382	24.685

Fonte: PNAD 2014, IBGE. Elaboração dos autores.

4.1 Grupos ocupacionais de habilidades específicas

Esta seção apresenta os resultados usando a classificação de ocupações baseadas em habilidades específicas. Todas as estimativas controlam para características da pessoa (anos de estudo, idade e idade ao quadrado e variáveis indicadoras de brancos e residência em área urbana) e para a escolaridade dos pais. O Gráfico 1 mostra as probabilidades estimadas de escolha por ocupação de homens e mulheres. Observa-se que a probabilidade de a mulher ser não empregada é o dobro daquela observada para o homem. Além disso, a mulher tem maior probabilidade de escolher trabalhar em serviços ou comércio, enquanto os homens têm maior probabilidade de trabalhar na indústria.

Gráfico 1 – Probabilidades previstas de escolha por ocupação



A Tabela 4 mostra o efeito marginal⁹ da ocupação da mãe e do pai (colunas dos respectivos painéis) na escolha da ocupação da filha (linhas dos painéis). A diagonal destacada na tabela mostra os efeitos marginais de escolher a mesma ocupação da mãe/pai, enquanto os valores destacados em negrito referem-se ao maior efeito marginal positivo estatisticamente significativo dentre as ocupações da mãe/pai sobre a ocupação escolhida pela filha, para cada ocupação. Para cada uma destas ocupações dos genitores, pode haver uma escolha de ocupação com efeito marginal estatisticamente significativo de maior módulo que o do valor destacado, porém de sinal negativo. Estes efeitos também são relevantes, porém sua interpretação não é tão clara, pois a indicação de que uma escolha é tem sua probabilidade de escolha reduzida não nos permite inferir como outras opções se tornam mais prováveis em compensação deste efeito negativo; por sua vez, efeitos positivos revelam o impacto das ocupações dos pais sobre a escolha de uma opção específica, evidenciando um mecanismo direto de transmissão intergeracional. A mesma análise é repetida nas Tabela 5 para os homens.

⁹ Vale lembrar que o coeficiente estimado não indica a probabilidade nem a direção do efeito. Por falta de espaço, nenhum coeficiente é reportado, mas todos estão disponíveis a pedidos.

No Painel A da Tabela 4 vemos que, para a maioria das ocupações, os maiores efeitos marginais positivos na probabilidade de escolha da ocupação da filha acontecem quando a mãe é dirigente. Isso ocorre inclusive quando a filha opta por estar não empregada: há um aumento de 45 p.p. Note que em alguns casos, por exemplo, de a filha escolher trabalhar na indústria, apesar do maior efeito marginal ser maior quando a mãe é dirigente, tal efeito não é estatisticamente significativo, sendo o maior efeito marginal com significância estatística quando a mãe também é da indústria. Portanto, para sete das 10 ocupações, o fato de a mãe ser de um determinado grupo quando a filha tinha 15 anos de idade influencia fortemente a escolha ocupacional da mulher escolher o mesmo grupo.

Por outro lado, a mãe ser profissional ou técnica não tem nenhum efeito significativo sobre a escolha da ocupação da filha. Esse resultado é contraintuitivo quando se trata de filhas de profissionais, uma vez que o senso comum diria que filha de médica tende a ser médica, filha de advogada, advogada e assim sucessivamente. Os dados mostram que este não é o caso.

Em contrapartida ao caso do efeito da mãe dirigente, quando a mãe é trabalhadora agrícola, dos serviços, comércio, trabalhadora doméstica ou da indústria, a probabilidade de a filha não estar empregada diminui. Isso sugere que a transmissão intergeracional está de alguma forma associada às condições socioeconômicas.

Já no Painel B observa-se que os maiores efeitos marginais, em geral, ocorrem quando a filha escolhe ter a mesma ocupação do pai; entretanto, todos os efeitos são estatisticamente não significativos. Os efeitos estatisticamente significativos aparecem quando o pai é um profissional, que reduz a probabilidade da filha ser uma trabalhadora agrícola em 14 p.p. e aumenta a probabilidade dela não estar empregada em 17 p.p. Todas as outras ocupações do pai não parecem influenciar a escolha de ocupação da filha.

Tabela 4 – Efeitos marginais na média da escolha de ocupação da mulher por diferentes ocupações da mãe e do pai

Painel A - Ocupação da mãe									
Escolha	Dirigente	Profissional	Técnico	Serv. Admin.	Serviço	Comércio	Agrícola	Indústria	Doméstico
Não empregado	0.455***	0.065	0.01	0.119*	-0.06**	-0.066*	-0.06***	-0.071**	-0.047*
Dirigente	0.011***	-0.004	0	-0.004	0.002	0.003	-0.001	0.002	-0.002
Profissional	0.006**	0.002	0.001	0.003*	0.001	0	0	0.004**	-0.001
Técnico	0.039***	-0.009	0.01	0.015*	0.008*	0.003	0.011**	0.006	-0.002
Serv. Admin.	0.017	0.003	-0.002	0.011*	0.006*	0.004	-0.003	0.004	0.003
Serviço	0.082	-0.007	-0.007	-0.01	0.034**	0.011	0.022**	-0.006	0.031**
Comércio	0.05*	-0.038	0.004	0.032	0.01	0.031*	0.008	0.028**	0.005
Agrícola	0.012*	-0.005	-0.001	-0.136***	0	0	0.009***	0.003	0.003
Indústria	0.037	0.037	0.005	-0.016	0.008	0.026*	0.012*	0.033***	-0.009
Doméstico	-0.708***	-0.043	-0.02	-0.015	-0.008	-0.011	0.002	-0.004	0.019***

Painel B - Ocupação do pai									
Escolha	Militar	Dirigente	Profissional	Técnico	Serv. Admin.	Serviço	Comércio	Agrícola	Indústria
Não empregado	0.071	0.039	0.168**	0.004	0.016	-0.023	-0.018	-0.024	-0.026
Dirigente	0.002	0.006*	0.006	0.003	0.004	0.002	0.002	0.004	0.001
Profissional	-0.003	0	0.001	0	0	0	-0.001	0.001	0
Técnico	-0.008	0.002	0.011	0.011	0.006	0.007	0.005	-0.001	0.004
Serv. Admin.	-0.012	-0.004	-0.008	0.001	0.007	0.005	-0.003	-0.003	0.003
Serviço	0.003	-0.008	-0.035	0.009	-0.017	0.028	-0.001	0.019	0.017
Comércio	-0.014	-0.01	-0.034	-0.021	-0.017	-0.018	0.011	-0.008	-0.019
Agrícola	-0.005	-0.009	-0.138***	-0.002	-0.003	-0.003	-0.006	0.001	-0.002
Indústria	-0.015	-0.007	0.013	0.008	0.013	-0.001	0.005	0.008	0.018
Doméstico	-0.02	-0.009	0.016	-0.012	-0.008	0.004	0.007	0.003	0.004

Nota: * P-valor < 0.10, ** P-valor < 0.05 e *** P-valor < 0.01.

O Painel A da Tabela 5 reporta os efeitos da ocupação da mãe na escolha de ocupação do filho. De modo geral, comparado à influência da mãe na ocupação da filha, há menos casos em que o efeito é significativo. A ocupação da mãe só aumenta a probabilidade de o filho ter a mesma ocupação quando ela trabalha em serviços (aumento de 4 p.p.) ou é uma trabalhadora agrícola (aumento de 3 p.p.). Dessa forma, mães influenciam pouco seus filhos em sua escolha ocupacional. Inclusive, um mesmo caso observado para mulheres ocorre para homens: filhos de mães dirigentes tem alta probabilidade (15 p.p.) de serem não empregados (relativamente à influência média observada na tabela). Para homens também se observa uma redução na probabilidade de ser não empregado quando a mãe é trabalhadora da indústria, agrícola, ou empregada doméstica.

O efeito da ocupação do pai na escolha da ocupação do filho é apresentado no Painel B da mesma tabela. Assim como no caso da filha, os maiores efeitos marginais são observados quando os filhos possuem a mesma ocupação do pai, embora nem sempre seja estatisticamente significativo. Quando o pai é dirigente (3 p.p.), trabalhador do comércio (6 p.p.), indústria (6 p.p.) ou agrícola (10 p.p.) há uma influência maior do filho escolher a mesma ocupação. Apenas quando o pai é um trabalhador agrícola há influência sobre o filho não estar empregado, uma redução de 9 p.p. Contrário ao encontrado para mães, o fato de o pai ser dirigente não aumenta a probabilidade de filhas ou filhos serem não empregados. Este talvez seja o maior diferencial no padrão de transmissão intergeracional por gênero.

Como vimos, a escolha ocupacional do pai tem mais efeito sobre a escolha ocupacional da filha quando ele é um profissional, enquanto que a escolha ocupacional da mãe tem mais efeito quando esta é dirigente. Na escolha ocupacional do filho, os efeitos são mais ligados às ocupações do pai, sendo os efeitos da influência da mãe menos claros. Além disso, de uma forma geral, os efeitos marginais nas probabilidades de escolha ocupacionais tanto do homem quanto da mulher são de baixa magnitude. Na próxima seção, vamos analisar as escolhas ocupacionais por grupos de habilidade ao invés de setores ocupacionais. A ideia é avaliar se há uma transmissão de habilidades menos específicas do que habilidades setoriais.

Tabela 5 – Efeitos marginais na média da escolha de ocupação do homem por diferentes ocupações da mãe e do pai

Painel A - Ocupação da mãe									
Escolha	Dirigente	Profissional	Técnico	Serv. Admin.	Serviço	Comércio	Agrícola	Indústria	Doméstico
Não empregado	0.149**	0.082	0.073*	0.009	-0.038	-0.01	-0.05**	-0.11***	-0.045*
Militar	-0.001	0	0	-0.001	0	0	0.001	-0.002	-0.001
Dirigente	0.009	0.002	-0.003	-0.001	0.008	0.003	0.006	0.009	-0.003
Profissional	0.002	0.002	-0.001	0.001	0	0	0.001	0.001	0.001
Técnico	0.006	0.02*	-0.002	-0.011	0	0.005	0	0	-0.006
Serv. Admin.	0.004	0.01	0	0.007	0.001	0.002	-0.001	0.002	0
Serviço	0.015	0.033	0.005	0.013	0.042**	0.025	0.007	0.032	0.035**
Comércio	-0.004	0.028	-0.02	0.019	0.014	0.021	-0.009	0.006	0.001
Agrícola	-0.188***	-0.012	0.036	-0.023	0.001	-0.035	0.035***	0.01	-0.01
Indústria	0.008	-0.164**	-0.089*	-0.014	-0.028	-0.013	0.011	0.052	0.028

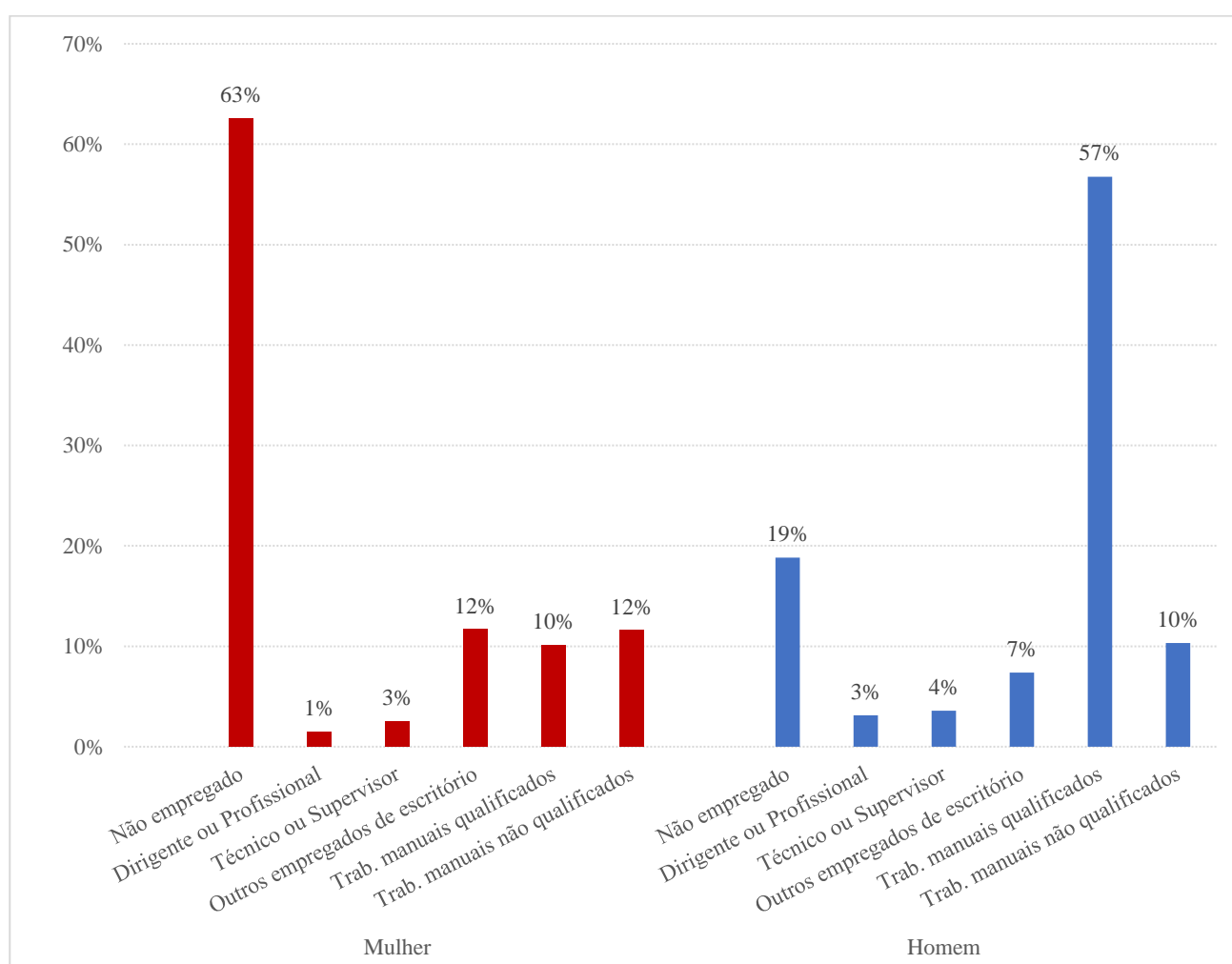
Painel B - Ocupação do pai									
Escolha	Militar	Dirigente	Profissional	Técnico	Serv. Admin.	Serviço	Comércio	Agrícola	Indústria
Não empregado	0.047	-0.075	-0.034	-0.083	0.039	-0.058	-0.063	-0.088**	-0.072*
Militar	0.002	-0.001	0	-0.001	-0.001	0.001	0	-0.002	0
Dirigente	0.001	0.029***	0.007	0.007	0.014	0.001	0.008	0.001	-0.006
Profissional	0	0	0	0.002	0	0.001	0.001	0	0
Técnico	0.001	0.005	-0.009	0.009	0	0.003	-0.005	-0.015*	-0.007
Serv. Admin.	0.002	0.005	-0.017*	0.001	0.003	0.01	0.003	-0.002	0.003
Serviço	0.051	0.012	0.002	0.015	0.056	0.044	0.007	0.007	0.008
Comércio	0.008	0.056**	0.016	0.02	0.027	-0.006	0.063***	0.014	0.003
Agrícola	-0.008	0.001	0.015	0	-0.162**	-0.019	-0.012	0.063***	-0.034*
Indústria	-0.103	-0.032	0.021	0.03	0.024	0.025	-0.003	0.022	0.105***

Nota: * P-valor < 0.10, ** P-valor < 0.05 e *** P-valor < 0.01.

4.2 Grupos ocupacionais de habilidades genéricas

Esta seção apresenta e discute os resultados para a classificação baseada em habilidades genéricas. Novamente, todas as estimações controlam para características do indivíduo e escolaridade dos pais. O Gráfico 2 apresenta as probabilidades estimadas de um indivíduo escolher determinadas ocupações de acordo com seu gênero. Assim como no modelo estimado na seção anterior, mulheres têm maior probabilidade de serem não empregadas e baixa probabilidade de serem dirigentes ou profissionais bem como ser técnicas ou supervisoras. Por outro lado, os homens têm a maior probabilidade de serem trabalhadores manuais qualificados.

Gráfico 2 – Probabilidades previstas de escolha por ocupação



A Tabela 6 mostra os efeitos marginais da ocupação da mãe (Painel A) e do pai (Painel B) sobre a escolha da mulher. Novamente, a ocupação omitida foi a de não empregada. De modo geral, observa-se que as filhas têm relativamente alta probabilidade de pertencer ao mesmo grupo que sua mãe trabalhava quando elas tinham 15 anos de idade (Painel A). Entretanto, o efeito só é significativo

para trabalhos de menor status social. Por exemplo, o fato de a mãe ser trabalhadora manual qualificada aumenta a probabilidade da filha também exercer essa atividade laboral em 6,5 p.p. Dado que essas trabalhadoras tem 10% de probabilidade de fazer essa escolha, o efeito é considerável.

Esta especificação também apresenta uma redução na probabilidade da filha estar não empregada quando a mãe é trabalhadora manual, qualificada ou não. Além disso, ter mães trabalhadoras manuais qualificadas aumenta a probabilidade da filha ser dirigente ou profissional e de ser técnica ou supervisora.

O Painel B da mesma tabela apresenta os efeitos marginais da ocupação do pai sobre a escolha da filha. Assim como a estimação anterior com ocupações de habilidades específicas, os pais não têm influência sobre a escolha da filha. Nenhum efeito marginal calculado é estatisticamente significativo.

Tabela 6 – Efeitos marginais na média da escolha da ocupação da mulher por diferentes ocupações da mãe e do pai

Painel A - Ocupação da mãe					
Escolha	Dirigente ou Profissional	Técnico ou Supervisor	Outros empregados de escritório	Trab. manuais qualificados	Trab. manuais não qualificados
Não empregado	0.065	-0.032	0	-0.087***	-0.053***
Dirigente ou Profissional	0.004	0.004	0.002	0.003*	-0.002
Técnico ou Supervisor	0.005	0.008	0.009*	0.008**	0
Outros empregados de escritório	-0.015	-0.005	0.038***	-0.001	0.01
Trab. manuais qualificados	-0.003	-0.008	-0.022	0.065***	0.007
Trab. manuais não qualificados	-0.057	0.032	-0.028	0.012	0.037***
Painel B - Ocupação do pai					
Escolha	Dirigente ou Profissional	Técnico ou Supervisor	Outros empregados de escritório	Trab. manuais qualificados	Trab. manuais não qualificados
Não empregado	0.063	-0.001	-0.015	-0.031	-0.027
Dirigente ou Profissional	0.003	0	-0.001	0	-0.001
Técnico ou Supervisor	0.005	0.007	0.003	0.001	0.005
Outros empregados de escritório	-0.018	-0.005	0.007	-0.007	0.002
Trab. manuais qualificados	-0.049	0.005	0.006	0.025	0.007
Trab. manuais não qualificados	-0.005	-0.005	0.001	0.012	0.013

Nota: * P-valor < 0.10, ** P-valor < 0.05 e *** P-valor < 0.01.

A Tabela 7 mostra os efeitos marginais da ocupação da mãe (Painel A) e do pai (Painel B) sobre a escolha ocupacional do filho. Assim como no caso da filha, a mãe ser trabalhadora manual qualificada aumenta a probabilidade do filho também o ser. Ademais, reduz a probabilidade do filho ser não empregado, técnico ou supervisor ou outro empregado de escritório. A mãe dirigente ou profissional aumenta não só a probabilidade de o filho também ser um dirigente ou profissional como também dele ser não empregado, efeito que também foi observado nas estimativas por habilidades específicas. Mãe dirigente ou profissional também reduz em 16 p.p. a probabilidade do filho ser um trabalhador manual qualificado, enquanto mães técnicas ou supervisoras reduzem a probabilidade do filho ser um trabalhador manual não qualificado.

No Painel B vemos o efeito marginal da ocupação do pai sobre a escolha ocupacional do filho. Os maiores efeitos marginais positivos são nas probabilidades do filho ter a mesma ocupação do pai quando ele é trabalhador manual qualificado ou outro empregado de escritório. Além disso, o pai ser dirigente ou profissional ou trabalhador manual qualificado reduz a probabilidade do filho ser não empregado.

Tabela 7 – Efeitos marginais na média da escolha da ocupação do homem por diferentes ocupações da mãe e do pai

Painel A - Ocupação da mãe					
Escolha	Dirigente ou Profissional	Técnico ou Supervisor	Outros empregados de escritório	Trab. manuais qualificados	Trab. manuais não qualificados
Não empregado	0.067*	0.025	-0.007	-0.09***	-0.022
Dirigente ou Profissional	0.023**	-0.003	0.006	0.005	0.003
Técnico ou Supervisor	0.013	0	-0.003	-0.009*	-0.003
Outros empregados de escritório	0.021	0.011	0.011	-0.015*	0.002
Trab. manuais qualificados	-0.158**	0.012	-0.007	0.118***	0.002
Trab. manuais não qualificados	0.034	-0.046*	-0.001	-0.01	0.017
Painel B - Ocupação do pai					
Escolha	Dirigente ou Profissional	Técnico ou Supervisor	Outros empregados de escritório	Trab. manuais qualificados	Trab. manuais não qualificados
Não empregado	-0.056*	-0.043	-0.027	-0.067**	-0.037
Dirigente ou Profissional	0.007	0.003	0.008	-0.005	0.002
Técnico ou Supervisor	-0.003	0.001	-0.007	-0.013	-0.009

Outros empregados de escritório	0.007	0.013	0.03*	-0.004	0.005
Trab. manuais qualificados	0.069	0.047	0.014	0.118***	0.043
Trab. manuais não qualificados	-0.024	-0.02	-0.017	-0.029	-0.004

Nota: * P-valor < 0.10, ** P-valor < 0.05 e *** P-valor < 0.01.

5. Conclusão

Mobilidade social é um tema que está voltando a ganhar espaço na literatura, que apresenta novas evidências a respeito da influência do ambiente externo durante a primeira infância (CHETTY et al., 2018) e do ambiente familiar (HECKMAN; KARAPAKULA, 2019) sobre *outcomes* dos adultos em diversas dimensões, como saúde e mercado de trabalho. Este artigo apresenta evidências para o Brasil a respeito da transmissão intergeracional de habilidades, que certamente estão associadas ao nível de mobilidade social existente na sociedade brasileira.

Utilizando dados da PNAD 2014, estimou-se o efeito da ocupação dos pais quando o indivíduo tinha 15 anos de idade sobre a escolha ocupacional dos filhos. Duas classificações de ocupações foram utilizadas, uma com foco na atividade exercida e outra com foco nas habilidades utilizadas para execução do trabalho. Os resultados apontam um grau não desprezível de transmissão intergeracional de ocupações, tanto para homens quanto para mulheres. Dado que as ocupações estão correlacionadas em certo grau com rendimentos, pode-se interpretar que o nível de mobilidade é relativamente baixo.

Os resultados mostram também que há diferenças consideráveis entre os efeitos da mãe e do pai: em diversos casos, filhas têm relativamente alta probabilidade de escolher a mesma ocupação mãe, e os filhos, a dos pais. No entanto, há um forte efeito da ocupação da mãe quando esta é dirigente sobre a filha não estar empregada; o efeito sobre o filho também é observado, mas em menor magnitude. Isso pode sugerir um efeito sobre a decisão dos filhos de estudar por mais tempo com o objetivo de melhorar sua qualificação profissional, adiando sua inserção no mercado de trabalho, ou um certo “acomodamento” dos filhos que os levaria a não procurar empregos.

Referências bibliográficas

- A. HÉCTOR MORENO M. **Intergenerational transmission of education across three generations**, 2017.
- ABOWD, J. M. et al. The Relative Importance of Employer and Employee Effects on Compensation: A Comparison of France and the United States. **Journal of the Japanese and International Economies**, v. 15, n. 4, p. 419–436, 2001.
- AZEVEDO, V. M. R.; BOUILLON, C. P. **Social Mobility in Latin America: A Review of Existing Evidence**: Research Department Working Papers. Washington, DC: [s.n.].
- BEHRMAN, J.; GAVIRIA, A.; SZÉKELY, M. **Intergenerational Mobility in Latin America**: Research Department Working Paper. New York: [s.n.].
- BELLER, E. Bringing Intergenerational Social Mobility Research into the 21st Century: Why Mothers Matter. **American Sociological Review**, v. 74, n. 4, p. 507–528, 2009.
- BJÖRKLUND, A.; JÄNTTI, M. Intergenerational Income Mobility in Sweden Compared to the United States. **The American Economic Review**, v. 87, n. 5, p. 1009–1018, 1997.
- CAHUC, P.; CARCILLO, S.; ZYLBERBERG, A. **Labor economics**. 2nd. ed. [s.l.] MIT press, 2014.
- CHETTY, R. et al. **Race and Economic Opportunity in the United States: An Intergenerational Perspective**. Cambridge, MA: [s.n.].
- CLARK, G.; CUMMINS, N. Surnames and Social Mobility in England, 1170–2012. **Human Nature**, v. 25, n. 4, p. 517–537, 2014.
- CONSTANT, A.; ZIMMERMANN, K. F. Occupational Choice Across Generations. **IZA Discussion Paper**, n. 975, p. 32, 2003.
- CORAK, M. et al. The Intergenerational Earnings and Income Mobility of Canadian Men: Evidence from Longitudinal Income Tax Data. 1998.
- CORAK, M. Do poor children become poor adults? lessons for public policy from a cross country comparison of generational earnings mobility. **Workshop on child poverty, UNICEF Innocenti Research Centre**, 2004.
- COUCH, K. A.; DUNN, T. A. Intergenerational Correlations in Labor Market Status: A Comparison of the United States and Germany. **The Journal of Human Resources**, v. 32, n. 1, p. 210, 2006.

- DEARDEN, L.; MACHIN, S.; REED, H. Intergenerational mobility in Britain. **Economic Journal**, v. 107, n. 440, p. 47–66, 1 Jan. 1997.
- DOEPKE, M.; ZLIBOTTI, F. **Parenting with style: altruism and paternalism in intergenerational preference transmission**: NBER Working Paper Series. Cambridge: [s.n.].
- FERREIRA, S. G.; VELOSO, F. A. Intergenerational Mobility of Wages in Brazil. **Brazilian Review of Econometrics**, v. 26, n. 2, p. 181–211, 2006.
- HECKMAN, J. J.; KARAPAKULA, G. **Intergenerational and intragenerational externalities of the Perry Preschool Project**: Working Paper. Cambridge: [s.n.].
- LAM, D.; SCHOENI, R. F. F. Effects of Family Background on Earnings and Returns to Schooling: Evidence from Brazil. **Journal of Political Economy**, v. 101, n. 4, p. 710–740, Aug. 1993.
- MAHLMEISTER, R. et al. Revisitando a Mobilidade Intergeracional de Educação no Brasil. **Policy Paper**, n. 26, 2017.
- MCFADDEN, D. The measurement of urban travel demand. **Journal of Public Economics**, v. 3, n. 4, p. 303–328, 1974.
- RAMOS, L.; REIS, M. C. **A escolaridade dos pais, os retornos à educação no mercado de trabalho e a desigualdade de rendimentos**Dados: Texto para Discussão. Brasília: [s.n.].
- ROSENFELD, R. A. Women’s Intergenerational Occupational Mobility. **American Sociological Review**, v. 43, n. 1, p. 36, 2006.
- SOLON, G. Intergenerational income mobility in the United States. **The American Economic Review**, v. 82, n. 3, p. 393–408, 1992.